

O corpo em frangalhos

Vera Rita da Costa*

Precisamos mudar nossa visão de nós mesmos - a começar pela visão de nosso próprio corpo. Nosso corpo não é uma máquina, como é costume dizer. Essa comparação é inadmissível, pois simplifica a complexidade e retira a beleza do corpo humano. Pensemos, por exemplo, em uma diferença básica: é impossível separar nosso corpo em suas partes constituintes e remontá-lo depois, tornando-o novamente funcional, como é possível fazer com um relógio, por exemplo.

Nosso corpo é um todo, articulado, formado de partes intercomunicantes, imbricadas, intervenientes e interdependentes. Separar e definir essas partes foram recursos empregados pela ciência para analisar e compreender melhor esse todo, justamente porque ele é tão complexo que se torna incompreensível se não for analisado em suas partes.

Mas, cabe questionar: isolar e separar em partes são artifícios utilizados no raciocínio científico para conhecer o mundo. Será, no entanto, um recurso didático ideal apresentar aos alunos as partes do mundo que a ciência descreve de maneira tão fragmentada?

Em ciências naturais, principalmente nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, apresentamos o corpo humano aos pedaços aos alunos. Sistemas, órgãos, tecidos, células etc. Sistema reprodutivo, sistema digestório, sistema endócrino, sistema nervoso... Baço, fígado, rim, cerebelo, gônadas, músculos, ossos... Cabeça, ombro, perna e pé!

Objetivos: texto indicado como leitura complementar da disciplina **Como ensinar Ciências** do curso de Pós Graduação Lato Sensu em Ensino e Aprendizagem das Ciências Naturais- modalidade EAD - Universidade Católica de Brasília.



Biografia: Vera Rita da Costa, possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São Carlos e Bacharelado em Limnologia também pela UFSCar. Especializou-se em divulgação científica e ensino de Ciência, atuando, principalmente, como jornalista no Instituto Ciência Hoje e na assessoria de redes particulares de ensino, na definição de currículos de Ciências e Biologia e na formação de professores.

Como em um quebra-cabeça, do qual só alguns tem consciência da existência e complexidade, apresentamos algumas peças aos alunos, mas exigimos a compreensão do todo.

O risco de se perder e perder o aluno nesse caminho é enorme e, infelizmente, é o que se tem verificado no ensino de ciências. A ignorância dos alunos sobre o corpo humano é retrato de nossa metodologia do retalho!

Nossa opção metodológica deve, portanto, buscar não compactuar com isso e inverter esse processo: apresentar a visão geral, o contexto, para gradativamente, ao longo das diversas séries do ensino, ir aprofundando em especificidades e detalhes -- quando estes, de fato, forem imprescindíveis aos alunos, para a compreensão do fenômeno mais abrangente que se encontra em foco.

Afinal, cabe lembrar: o mundo, como tal, não é fragmentado - ele é uma totalidade, um todo --, apenas recortado para que os cientistas tenham mais facilidade em conhecê-lo. Além disso, a visão de corpo que a ciência apresenta é um modelo, com todas as limitações que um modelo contém em sua essência.

Talvez, mudando o enfoque, paremos de assoberbar nossos alunos de informações sobre o corpo humano. Informações que, é preciso salientar, por serem descontextualizadas, em geral não passam da memória temporária, sendo deletadas no momento seguinte à prova ou ao vestibular.

Talvez, também possamos, dessa maneira, diminuir a ojeriza que o conteúdo corpo humano causa em alunos e professores de ciências, obrigados a percorrer sistema por sistema e a reconhecer, ao final de uma exaustiva caminhada, que pouco ficou de significativo. O corpo humano não é uma enciclopédia; não deve ser visto pelos alunos como algo distante, como algo à parte e não relacionado a ele próprio. Ou seja, não pode ser tratado meramente como amontoado de informação.

A continuar nessa abordagem, o tiro continuará saindo pela culatra: em vez de gostar e compreender, de fato, o que é e representa o próprio corpo, nossos alunos continuarão a odiar esse conteúdo. O triste disso tudo é que, em última instância e de maneira inconsciente, estarão a odiar a si mesmos.

* Fonte: Costa, V. R. O corpo em frangalhos. Núcleo Viva Ciência - Revista Eletrônica de Divulgação do Ensino de Biologia e Ciências.
